

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Brasil. Secretaria de Educação Básica
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Pró-Reitoria de Graduação e Ensino Profissionalizante
Centro Interdisciplinar de Formação Continuada de Professores

INFOP

ENTRO INTERDISCIPLINAR DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

José Chotguis
Marina Isabel Mateus de Almeida

*Coleção
Formação de Tutores*

Curitiba
2005

Avaliando a Aprendizagem em EAD

Os textos que compõem estes cursos, não podem ser reproduzidos sem autorização dos editores

© Copyright by 2005 - EDITORA/UFPR - SEB/MEC

Universidade Federal do Paraná

Praça Santos Andrade, 50 - Centro - CEP 80060300 - Curitiba - PR - Brasil

Telefone: 55 (41) 3310-2838/Fax: (41) 3310-2759 - email: cinfop@ufpr.br

http://www.cinfop.ufpr.br

Presidente da República Federativa do Brasil

Luis Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação

Fernando Haddad

Secretário de Educação Básica

Francisco das Chagas Fernandes

Diretora do Departamento de Políticas da Educação Infantil e Ensino

Fundamental

Jeanete Beauchamp

Coordenadora Geral de Política de Formação

Lydia Bechara

Reitor da Universidade Federal do Paraná

Carlos Augusto Moreira Júnior

Vice-Reitora da Universidade Federal do Paraná

Maria Tarcisa Silva Bega

Pró-Reitor de Administração da Universidade Federal do Paraná

Hamilton Costa Júnior

Pró-Reitora de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Paraná

Rita de Cassia Lopes

Pró-Reitor de Graduação da Universidade Federal do Paraná

Valdo José Cavallet

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

da Universidade Federal do Paraná

Nivaldo Rizzi

Pró-Reitor de Planejamento da Universidade Federal do Paraná

Zaki Akel Sobrinho

Pró-Reitor de Recursos Humanos da Universidade Federal do Paraná

Vilson Kachel

Diretor da Editora UFPR

Luis Gonçalves Bueno de Camargo

CINFOP

Centro Interdisciplinar de Formação Continuada de Professores

Coordenador Geral - **Valdo José Cavallet**

Coordenadora Pedagógica - **Ettiène Guérios**

Secretaria

Gloria Lucia Perine

Jorge Luiz Lipski

Nara Angela dos Anjos

Diagramação

Arvin Milanez Junior - CD-ROM

Clodomiro M. do Nascimento Jr

Everson Vieira Machado

Leonardo Bettinelli - Design - CD-ROM

Priscilla Meyer Proença - CD-ROM

Rafael Pitarch Forcadell - CD-ROM

Equipe Operacional

Neusa Rosa Nery de Lima Moro

Sandramara S. K. de Paula Soares

Silvia Teresa Sparano Reich

Revisão

Maria Simone Utida dos Santos Amadeu

Revisão de Linguagem

Cleuza Cecato

Professores, autores, pesquisadores, colaboradores

Alcione Luis Pereira Carvalho

Altair Pivovar

Ana Maria Petraitis Liblik

Andréa Barbosa Gouveia

Angelo Ricardo de Souza

Christiane Gioppo

Cleusa Maria Fuckner

Dilvo Ilvo Ristoff

Ettiène Guérios

Flávia Dias Ribeiro

Gilberto de Castro

Gloria Lucia Perine

Irapuru Haruo Flório

Jean Carlos Moreno

Joana Paulin Romanowski

José Chotguis

Laura Ceretta Moreira

Lilian Anna Wachowicz

Lucia Helena Vendrusculo Possari

Márcia Helena Mendonça

Maria Augusta Bolsanello

Maria Julia Fernandes

Mariluci Alves Maftum

Marina Isabel Mateus de Almeida

Mario de Paula Soares Filho

Mônica Ribeiro da Silva

Onilza Borges Martins

Paulo Ross

Pura Lúcia Oliver Martins

Roberto Filizola

Roberto J. Medeiros Jr.

Sandramara S. K. de Paula Soares

Serlei F. Ranzi

Sônia Fátima Schwendler

Tania T. B. Zimer

Verônica de Azevedo Mazza

Vilma M. M. Barra

Wanirley Pedroso Guelfi

Técnicos em Educação Especial

Dinéia Urbanek

Jane Sberge

Maria Augusta de Oliveira

Monica Cecília G. Granke

Sueli de Fátima Fernandez

Consultoria Pedagógica e Análise dos Materiais Didáticos em EAD

Leda Maria Rangeloro Fiorentini

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS - BIBLIOTECA CENTRAL
COORDENAÇÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS

Chotguis, José

Avaliando a Aprendizagem em EAD / José Chotguis, Marina Isabel Mateus de Almeida; Universidade Federal do Paraná, Pró-Reitoria de Graduação e Ensino Profissionalizante, Centro Interdisciplinar de Formação Continuada de Professores; Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. - Curitiba :Ed. da UFPR, 2005.

42p. : il. - (Formação de tutores, 3)

ISBN 85-7335-144-6

Inclui bibliografia

1. Ensino a distância. 2. Estudantes Avaliação. I. Almeida, Marina Isabel Mateus de, 1960-. II. Universidade Federal do Paraná. Centro Interdisciplinar de Formação Continuada de Professores. III. Brasil. Secretaria de Educação Básica. IV. Título.

CDD 371.3

COLEÇÃO FORMAÇÃO DE TUTORES

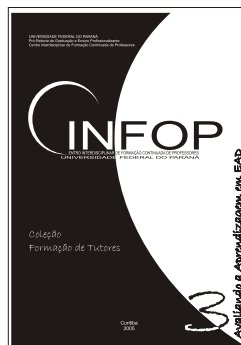
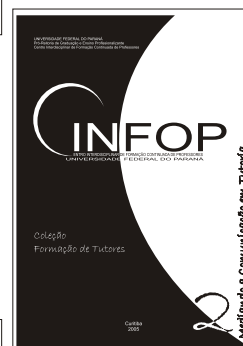
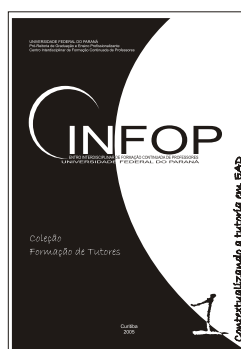
Módulo 1 - Contextualizando a tutoria em EAD

Módulo 2 - Mediando a comunicação em tutoria

Módulo 3 - Avaliando a Aprendizagem em EAD

AUTORES E COLABORADORES

Irapuru Haruo Flóriodo
José Chotguis
Márcia Helena Mendonça
Mariluci Alves Maftum
Marina Isabel Mateus de Almeida (org.)
Mario de Paula Soares Filho
Sandramara S. K. de Paula Soares (org.)
Verônica de Azevedo Mazza (org.)



CD da Coleção
Formação de Tutores

Mensagem da Coordenação

Caro(a) cursista,

Ao desejar-lhe boas-vindas, apresentamos a seguir alguns caminhos para a leitura compreensiva deste material, especialmente elaborado para os cursos do CINFOP.

Ao se apropriar dos conteúdos dos cursos, você deverá fazê-lo de maneira progressiva, com postura interativa. Você deve proceder à leitura compreensiva dos textos, ou seja, refletindo sobre as possibilidades de aplicação dos conhecimentos adquiridos na sua própria realidade. Aproveite ao máximo esta oportunidade: observe os símbolos e as ilustrações, consulte as fontes complementares indicadas, elabore sínteses e esquemas, realize as atividades propostas.

Tão logo seja iniciado o seu estudo, você deve elaborar uma programação pessoal, baseada no tempo disponível. Deve estabelecer uma previsão em relação aos conteúdos a serem estudados, os prazos para realização das atividades e as datas de entrega.

A intenção dos cursos do CINFOP é a de que você construa o seu processo de aprendizagem. Porém, sabemos que tal empreendimento não depende somente de esforços individuais, mas da ação coletiva de todos os envolvidos. Contamos com as equipes de produção, de docência, de administração, contamos principalmente com você, pois sabemos que do esforço de todos nós depende o sucesso desta construção.

Bom trabalho!

A Coordenação

GLOSSÁRIO DE SÍMBOLOS

O material didático foi elaborado com a preocupação de possibilitar a sua interação com o conteúdo. Para isto utilizamos alguns recursos visuais.

Apresentamos a seguir os símbolos utilizados no material e seus significados.



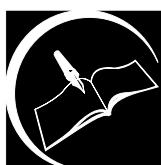
Realize a pesquisa, complementando o estudo com as leituras indicadas, para aprofundamento do conteúdo.



Realize a compreensão crítica do texto, relacionando a teoria e a prática.



Realize as atividades que orientam o acompanhamento do seu próprio processo de aprendizagem.



Registre os pontos relevantes, os conceitos-chave, as perguntas, as sugestões e todas as idéias relacionadas ao estudo que achar importantes, em um caderno, bloco de anotações ou arquivo eletrônico.



Realize as atividades que fazem a síntese de todo o estudo, verificando as compreensões necessárias ao seu processo de formação.



Realize as atividades que consolidam a aprendizagem, aproximando o conhecimento adquirido ao seu cotidiano pessoal e profissional.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM EM EAD | 1 |
| APRESENTAÇÃO | 1 |
| UNIDADE 1 - O ALUNO DA EAD..... | 3 |
| UNIDADE 2 - AVALIAÇÃO..... | 9 |
| 2.1 CONCEITOS DE AVALIAÇÃO | 9 |
| 2.2 NÍVEIS DE AVALIAÇÃO | 11 |
| 2.3 MOMENTOS E AVALIAÇÃO: Início, final e durante o processo..... | 15 |
| 2.4 AUTO AVALIAÇÃO | 16 |
| 2.4.1 A Importância da Retro-alimentação na Auto-avaliação | 20 |
| UNIDADE 3 - POR QUE AVALIAR E PARA QUEM?..... | 23 |
| UNIDADE 4 - COMO E QUANDO AVALIAR?..... | 27 |
| 4.1 INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO | 29 |
| 4.2 AVALIAÇÃO SEM SURPRESAS..... | 31 |
| 4.3 AVALIAÇÃO NO MUNDO VIRTUAL DO COMPUTADOR E INTERNET | 32 |
| 4.4 AUTENTICIDADE - COLA, TRAPAÇA E PLÁGIO | 34 |
| UNIDADE 5 - PROGRAMAS DE INTERAÇÃO E AVALIAÇÃO EM EAD | 37 |
| 5.1 LEITURA COMPLEMENTAR | 37 |
| 5.2 SUGESTÃO DE ENDEREÇOS ELETRÔNICOS (<i>SITES</i>) PARA SEREM VISITADOS | 39 |
| REFERÊNCIAS | 41 |

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM EM EAD

APRESENTAÇÃO

“Em nossa experiência como aluno, a avaliação muitas vezes era realizada para verificar quanto tínhamos assimilado do conteúdo que o professor nos passou em sala de aula. Como consequência, recebíamos uma nota proporcional ao número de acertos nas provas. E esta nota nos classificava em aprovados, em recuperação ou reprovados. Algumas vezes nos sentíamos injustiçados, dizendo que aquilo que havíamos estudado não “caiu” na prova. Ou que ficamos nervosos e “deu um branco”. Aquilo que realmente aprendemos, ou, a mudança de visão que passamos a ter após aquela disciplina, muitas vezes não encontrou espaço para ser exposta. E aquilo que de fato não compreendemos, não foi trabalhado de outra forma para que viéssemos a compreender. Nem tampouco foi nos dado retorno para verificarmos onde poderíamos melhorar ou superar as dificuldades que tivemos para apreender” (SILVA, 2005).

Até há pouco tempo, **a avaliação sempre foi vista como um ponto de chegada e não como um ponto de partida** (RESENDE, 2004) **onde o processo de avaliação possibilita novas análises e, em função destas, novas ações.** Aqui estudaremos a avaliação vista como uma prática que favorece o aluno à medida que auxilia o processo da construção da aprendizagem, à medida que acompanha esta construção e não simplesmente leva em conta os resultados.

Neste Módulo, dedicado a Avaliação do Ensino e Aprendizagem, você vai perceber que a função do tutor ou orientador acadêmico em EAD tem um papel fundamental. Principalmente no acompanhamento do aluno, do início ao final de todo o percurso. Mas, antes de planejar como seria o seu sistema de avaliação, você precisa conhecer o interesse e as necessidades que movem o estudante em busca de novos conhecimentos. O sucesso do seu sistema de avaliação vai depender do quanto você conhece sobre o seu aluno: como estuda, que dificuldades apresenta, quando busca orientação, se interage com outros alunos para estudar, se consulta bibliografia de apoio, se realiza as tarefas e exercícios propostos, se é capaz de relacionar a teoria com a prática, entre outros (NEDER, 1996).

Informações como estas irão sinalizar o ponto de partida de um consistente sistema de avaliação. Conseqüentemente, alunos, professores e instituição educacional serão beneficiados com tal trabalho da tutoria. E o mais importante: isto tornará possível adequar o curso de maneira a ir ao encontro das características, interesses e necessidades individuais dos alunos. Ao tutor cabe o privilégio de buscar tais informações.

Paralelamente a este processo inicial de avaliação, que vamos chamar de avaliação diagnóstica, o tutor tem a missão mais elevada junto ao aluno: deve estimular, motivar e,

sobretudo, contribuir para o desenvolvimento da capacidade de organização das atividades acadêmicas e de auto-aprendizagem. Você vai se surpreender ao saber que a avaliação em EAD, longe de ser o instrumento de aprovação e reprovação do nosso tempo de sala de aula, tem a função primeira de contribuir decisivamente com a aprendizagem.

Bons estudos!

SUGESTÕES AO GRUPO DE TUTORES DESTE MÓDULO:

Recomendamos a elaboração e aplicação de Pré-teste e Pós-teste aos alunos deste módulo, para que eles vivenciem a prática de uma auto-avaliação reforçando a aprendizagem do que está sendo discutido neste estudo.

UNIDADE 1 O ALUNO DA EAD

Ao discutirmos sobre avaliação na educação a distância (EAD) não podemos deixar de abordar, mesmo que rapidamente, algumas características desta modalidade de ensino-aprendizagem. Um aspecto que você precisa levar em consideração como tutor é o isolamento do aluno que estuda à distância. Considera-se que o “calcanhar de Aquiles” da educação a distância é a situação de aprendizagem “individual” (PRETI, 1996). Você, neste momento aprendiz de um curso a distância, provavelmente estará sentindo as diferenças com relação a todos os cursos presenciais dos quais já participou. Estudar sem a presença regular de colegas e professores é um processo solitário que nos desafia a superar nossas limitações pessoais. Obriga-nos a desenvolver nossa capacidade de aprender sozinho, o que implica em aprender a aprender.

No ensino presencial possivelmente você nunca sentiu tais limitações. Não é para menos. Todos os seus parentes, amigos e conhecidos, com raríssimas exceções, aprenderam da mesma forma que você sempre aprendeu: local e hora de estudo são definidos pela escola e não por você; o professor é que conduz a aula e dirige a sua formação; o conteúdo estudado é limitado ao conhecimento e experiência do professor; e a convivência com os colegas (ah! que delícia...) assume um misto de confraternização e cumplicidade nas horas difíceis das avaliações.

É natural que a EAD cause um impacto nos hábitos de muitos estudantes presenciais. Afinal, em pouco tempo, é preciso abandonar uma atitude passiva e dependente do professor para adotar uma participação ativa, assumindo a responsabilidade do seu próprio aprendizado.



Você passou por esta situação quando iniciou este curso? É assim que você está se sentindo? Caso pense de outra maneira ou não concorde com o que dissemos, compartilhe as suas idéias com o professor e com seus colegas. Escreva e envie para o fórum de discussões ou direto ao seu tutor. Você vai conhecer o que pensam seus colegas também.

Um outro aspecto importante em conhecer melhor o estudante do seu curso em EAD é que, durante todo o processo de ensino-aprendizagem, tenha-se em mente o aluno que você, como tutor, estará avaliando, possui características próprias que o distinguem do aluno do ensino tradicional. A principal delas é que se trata, geralmente, de um aprendiz adulto que tem comportamentos, interesses e necessidades diferentes das crianças e dos adolescentes.

E aqui vai uma pergunta para você: o que é um adulto?

Sabemos que é difícil de definir um adulto, até porque existem no mínimo quatro definições possíveis. Primeiramente, há a **definição biológica**: o homem (leia-se: ser humano) torna-se adulto biologicamente quando atinge a idade em que pode reproduzir o que significa cedo, na adolescência. A segunda **definição é legal**: o homem torna-se adulto legalmente quando atinge a idade em que a lei diz que pode votar, obter carteira de habilitação, casar-se sem o consentimento dos pais, entre outros. Há ainda a **definição social**, segundo a qual o homem torna-se adulto quando começa a se comportar como adulto, tendo um trabalho, cônjuge, família, participação na comunidade. Finalmente, há a **definição psicológica**: o homem torna-se adulto psicologicamente quando chega à consciência da responsabilidade por sua própria vida, de dirigir-se a si próprio.

No que diz respeito à aprendizagem, a definição psicológica é fundamental para EAD. Para o ser humano, o processo de ganhar

consciência da sua vida, ou auto-direcionamento, começa cedo e vai crescendo cumulativamente. À medida que o homem amadurece biologicamente começa a desempenhar o papel de adulto e a receber crescentes responsabilidades para tomar decisões próprias. Então, torna-se adulto gradativamente conforme se move da infância à adolescência, e a velocidade de crescimento provavelmente se acelera se o ambiente familiar em que ele vive, se a escola que frequenta, se as organizações de jovens das quais participa o levam a assumir crescentes responsabilidades. Contudo, muitos homens e mulheres provavelmente não atinjam plena consciência, auto-direcionamento e maturidade até deixarem a universidade, ter um trabalho em tempo integral, casar-se e constituir família. (KNOWLES et al, 1998)

Que características tem o adulto que tornam diferente a sua maneira de aprender ?

Há cerca de oito décadas, Eduard Lindeman precursor de estudos sobre o aprendiz adulto - já afirmava que os adultos apresentam características próprias com relação à aprendizagem (LINDEMAN, 1926):

- a) Adultos assumem a responsabilidade por si mesmos e tomam suas próprias decisões, o que facilita o estudo independente e a auto-formação;
- b) São possuidores de ricas e diversificadas experiências, que podem e devem ser aproveitadas como base para construção de novos conhecimentos;
- c) São motivados a aprender quando sentem que a aprendizagem irá satisfazer suas necessidades mais imediatas, e que ela pode solucionar problemas relacionados a sua vida. Isto os faz interessados na auto-avaliação como forma de auto corrigir-se nas possíveis falhas de aprendizagem.

Knowles (id), discípulo de Lindeman, passou a usar o termo “Andragogia” referindo-se a arte e a ciência de **ajudar o adulto a**

aprender. Sua intenção foi diferenciar da Pedagogia que é definida como a arte e a ciência de **ensinar crianças**. No processo de educar adultos o professor e tutor encontram uma nova função, a de ser um guia, um facilitador, que também participa na aprendizagem na proporção da vitalidade e relevância de seus fatos e experiências.

Knowles (**id**) expandiu as idéias de Lindeman, acrescentando suas experiências como educador de adultos. Trata-se de comentários interessantes ao tema Avaliação que estamos estudando agora. Os estudantes adultos, comenta, “têm necessidade de saber por que razão eles precisam aprender algo, antes de se disporem a aprender”. Isto nos leva a crer que as primeiras linhas de texto devem ser dedicadas à importância do conteúdo do curso para atender as necessidades e interesses do aluno. Procedimento semelhante é recomendado às atividades de avaliação.



Que benefícios teria o aluno adulto em ser avaliado? Ou, melhor ainda, por que razão **você** deveria ser avaliado e que benefícios **você** teria? Reflita, coloque no papel, e envie para o seu tutor. Ou, se for o caso, coloque a sua reflexão no fórum de discussões.

Note que, a qualquer momento do seu estudo, você pode rever as suas respostas ou comentários e refazê-los. É natural que, à medida que avance nos estudos, mude a sua percepção sobre o tema. Portanto não pense duas vezes antes de colocar a sua opinião. Participe.

Continuando a “escutar” Knowles (**id**), ele diz que os estudantes adultos “desenvolvem uma profunda necessidade psicológica de serem vistos e tratados pelos outros como sendo capazes de se auto-direcionarem, de escolherem seu próprio caminho”. E isto vai nos levar a pensar e discutir, mais adiante, que talvez a auto-avaliação seja mais apropriada do que a avaliação, quando ensinamos adultos à distância.



Lembre desta observação de Knowles (1998) quando estiver lendo o item 2.4 - Auto-Avaliação.

Outra observação interessante e útil para o nosso estudo é a consequência do adulto trazer consigo uma bagagem de experiências: Essa bagagem possui um aspecto **positivo**, porque contribui para o debate, troca de experiências e aprendizagem. Mas apresenta também um lado **negativo**, pois pode fortalecer hábitos mentais que tendem a fazer com que feche a mente para novas idéias e formas alternativas de pensar.



A experiência prévia do aluno adulto poderia intervir negativamente no resultado de avaliações de aprendizagem? Como? Diante dos aspectos levantados por você, que alternativas sugere para contorná-los? Envie seu comentário ao tutor.

Em contraste com a orientação centrada no conteúdo, própria da aprendizagem das crianças e jovens, os adultos são voltados para os problemas da vida, são orientados para o resultado da aprendizagem. São motivados a aprender à medida que percebem que o aprendizado irá ajudá-los a resolver tarefas ou lidar com problemas com os quais eles se confrontam em situações concretas. Embora os adultos atendam a alguns motivadores externos (melhor emprego, promoção, maior salário, entre outros), os motivadores mais fortes são as pressões internas (o desejo de crescente satisfação no trabalho, auto-estima, qualidade de vida).



É importante que você conheça, quanto mais puder, os alunos com os quais vai interagir durante o seu trabalho de avaliação. Reúna informações que possam contribuir para o seu conhecimento sobre o aluno. Por exemplo, o que o fez decidir por um curso a distância, quais seus hábitos e métodos de estudo, se

tem facilidade para estudo individualizado ou prefere em grupo, qual seu tempo para se dedicar ao estudo, se está recebendo apoio da instituição em que trabalha e da família para realizar o curso, entre outros aspectos.



Se você pensa diferente a respeito das características do aluno típico da EAD, não dispense a sua capacidade crítica de tecer comentários e exibir suas dúvidas. Discuta e troque idéias com colegas e instrutores. Lembre que diálogo e reflexão são excelentes caminhos para aprendizagem.

UNIDADE 2 AVALIAÇÃO

Agora que você já visualizou as principais características do aluno da EAD, pense sobre o conceito do tema deste módulo: o que é, para você, AVALIAÇÃO?

Existem numerosos estudos e pesquisas a respeito da avaliação, muitos dos quais você conhece e usa na sua prática pedagógica. Baseado em alguns educadores, estudaremos a seguir diferentes abordagens que irão contribuir para a construção do seu próprio conceito sobre avaliação, principalmente quando aplicada à EAD.

2.1 CONCEITOS DE AVALIAÇÃO

Segundo Saul, a avaliação é uma constante em nosso dia-a-dia. Não aquela que fazemos ou que estamos comprometidos a fazer quando nos encontramos na escola, mas outro tipo, como aquele em que avaliamos impressões e sentimentos... É assim que nas interações cotidianas, em casa, em nossa trajetória profissional, durante o lazer, a avaliação sempre se faz presente e inclui um julgamento de valor sobre nós mesmos, sobre o que estamos fazendo, sobre o resultado de trabalhos (SAUL, 1998, p. 21).

De acordo com Luckesi (1995), o conceito de “avaliação” é formulado a partir das determinações da conduta de “atribuir um valor ou qualidade a alguma coisa, ato ou curso de ação ...”, que por si, implica um posicionamento positivo ou negativo em relação ao objeto, ato ou curso de ação avaliado. Luckesi acrescenta ainda que “o posicionamento a favor ou contra o objeto, ato ou curso de ação, a partir do valor ou qualidade atribuídos, conduz a uma decisão nova, a uma ação nova: manter o objeto como está ou atuar sobre ele” (id).

Azzi (2002) coloca que “a avaliação de desempenho escolar é um processo sistemático de obtenção e análise de informações sobre uma realidade, buscando na compreensão dessa realidade os elementos que possibilitam uma intervenção consciente daqueles

que dela participam, visando aos objetivos de ensino e aos fins da educação”.

Alonso (2001) afirma que a avaliação é parte integrante do ato educativo, pois será através dela que podemos evidenciar o “como” o processo de ensino/aprendizagem se desenvolve e, se for preciso, readequá-lo, redirecioná-lo ou reelaborá-lo.

Avaliação, segundo Neder, “como uma prática educativa, deve ser compreendida sempre como uma atividade política, cuja principal função é a de propiciar subsídios para tomadas de decisões quanto ao direcionamento das ações em determinado contexto educacional.” Em todas as formas de educação, complementa Neder (1996), a avaliação tem um papel de fundamental importância, e não pode ser vista de forma isolada de uma proposta educacional de um projeto de educação que traga em seu bojo um processo de transformação, uma proposta de ação que busque modificações de uma determinada situação.

Resumindo o essencial: a avaliação é formulada ao atribuir valor ou qualidade - no nosso caso - ao ensino e aprendizagem. Ao atribuímos valor estabelecemos um posicionamento, positivo ou negativo, que norteia novas ações (LUCKESI, 1995). A avaliação é entendida, ainda, como um processo contínuo de obtenção e análise do desempenho escolar que, à medida em que compreendemos as informações obtidas, possibilita a todos os que dela participam a uma atuação mais consciente (AZZI, 2002). A avaliação é parte integrante do ato educativo. Através dela você poderá perceber como o processo ensino-aprendizagem se desenvolve, podendo redirecioná-lo ou refazê-lo, sempre que necessário (ALONSO, 2001).

A avaliação em si não gera mudanças. No entanto, através dela obtemos informações fundamentais que nos direcionam para a tomada de decisões.



Pesquise outros conceitos de Avaliação. Reflita sobre eles, anote o seu comentário e envie-o ao tutor para futura discussão.

2.2 NÍVEIS DE AVALIAÇÃO

A que nível de avaliação queremos chegar? Em um que forneça resultados de apenas um teste ou àquele que forneça informações completas e que sirva para direcionar decisões importantes em relação ao ensino e aprendizagem? Dependendo do seu objetivo, apenas a coleta de um dado simples é insuficiente. Com o resultado de uma única ação de avaliação, você não poderá concluir muita coisa a não ser aquilo que ocorreu naquela ação específica.

O **primeiro nível** de uma avaliação pode ser considerado uma simples coleta de dados educacionais mensuráveis, ou seja, que podem ser medidos. Esses dados podem ser aspectos do curso em EAD, tais como: resultados de prova; participação do aluno; desistências; número de estudantes matriculados; e outros. É apresentado como um fato, com nenhuma intenção de comparação com qualquer outra informação.

Mas, vamos dizer que você queira avaliar o nível de participação dos alunos em uma atividade de interação com o professor e tutor. Seja por correspondência, telefone ou pela internet, não importa. Coletando informações de uma turma e em uma determinada disciplina você poderia afirmar, por exemplo, que 40% dos alunos participaram em todas as discussões propostas pela tutoria. Mas será que, a partir daí, você poderia concluir também que:

- a) Este resultado revela um aumento ou diminuição da participação dos alunos no curso?
- b) A participação foi maior ou menor do que em outras disciplinas?
- c) Esta turma é mais ou menos participativa do que as anteriores?
- d) O resultado revela, que existe algum problema com o tema, metodologia ou meio de comunicação utilizado?

Provavelmente você não poderia responder estas questões a não ser que tivesse outras informações para fins de comparação.

Pois bem. **Comparando** informações obtidas no primeiro nível, você chega a um **segundo nível** de avaliação, muito mais completo e útil do que o primeiro. Claro que, para atingir esse nível você precisaria ter coletado mais informações ao longo do curso. No nosso exemplo, você precisaria de informações a respeito da participação e interatividade dos alunos em outras disciplinas e até em várias turmas. Em compensação você terá em mãos um importante instrumento para tomada de muitas decisões a respeito da metodologia, formatação do material, tecnologia educacional.

Mas, ainda assim, será que você poderia concluir que:

- a) Os resultados da comparação das informações coletadas são significativos para tomada de decisões?
- b) A participação de 40% dos alunos nas discussões em EAD é significativo? É um sinal de alerta? Ou não tem importância frente aos conceitos de suficiência na aprendizagem daquele conteúdo?
- c) Quais mudanças teriam que ser feitas no curso, com que prioridade e por quê?

Provavelmente você não teria informações suficientes para responder tais questões a não ser que acrescentasse novos valores ao segundo nível de avaliação. Aqui estamos entrando em um nível mais elevado de avaliação: o **terceiro nível**. Já não se está falando em números, mas sim em conceitos ou até julgamentos subjetivos.

Neste nível você adiciona valores conclusivos à avaliação, frutos do seu próprio julgamento dos resultados de comparações obtidos no nível anterior. Quem sabe, a não ser você, que valor teria “40% de participação de alunos” no contexto de um curso a distância, frente aos critérios da escola e diante dos objetivos que você e o professor da disciplina traçaram? 40% é um resultado excepcional ou inaceitável? É normal ou está muito aquém das expectativas?

Termos como “excepcional, inaceitável, normal, aquém das expectativas”, são frutos de uma análise perceptiva e da experiência da pessoa que os usa. Seus significados complementam a interpretação dos dados mensuráveis (números) resultados dos primeiros níveis de avaliação. Claro que podemos dizer que são julgamentos subjetivos e questionáveis, mas a experiência nos mostra que são informações valiosas que complementam e flexibilizam os números inquestionáveis.



Para que você se sinta mais seguro no julgamento e valoração daqueles resultados revelados nos primeiros níveis de avaliação, reflita com o tutor da disciplina e com profissionais envolvidos em EAD. Pondere sobre os dados levantados em diferentes situações para poder chegar numa conclusão e não sinta que deve fazer isso sozinho. É importante contar com outros pontos de vista neste momento.

Uma avaliação completa, contendo os três níveis, orienta decisões e proporciona mudanças mais positivas e consistentes por parte dos destinatários ou beneficiários da avaliação. Sejam eles alunos, tutores, professores ou instituição (escola).

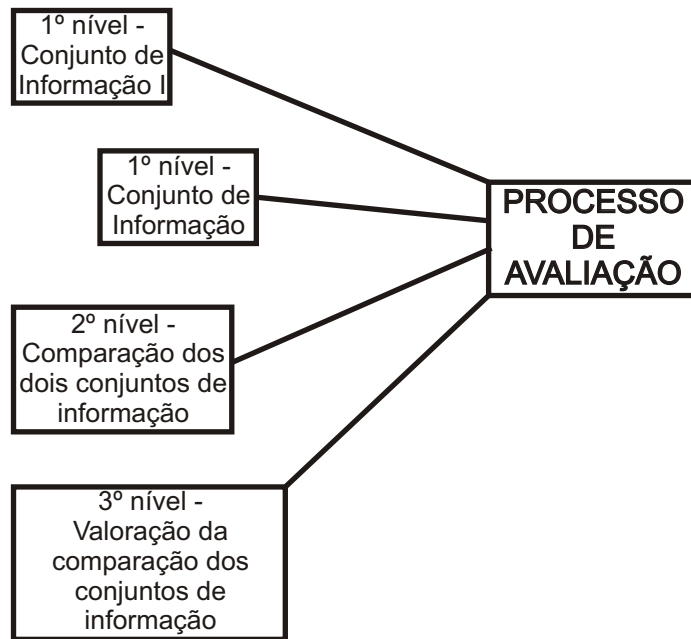
A proposta de construir um sistema de avaliação em três níveis complementares é do educador Joseph Levine. O gráfico a seguir, mostra os níveis de avaliação (LEVINE, 2001):

1º nível - **coleta de informações;**

2º nível - **comparação** entre várias informações coletadas;

3º nível - acréscimo de **valores não mensuráveis** ou **julgamentos** à comparação.

FIGURA 1 - ESQUEMA DOS TRÊS NÍVEIS DA AVALIAÇÃO.



Esquema dos três níveis da Avaliação, segundo Levine (2001): O processo de avaliação se completa a medida que você: 1) **Coleta Informações**; 2) **Compara Informações** entre si; e 3) **Adiciona valor** (não mensurável) à comparação.

É importante observar no estudo destes três níveis que apenas um resultado de avaliação não é suficiente para você avaliar o processo de ensino/aprendizagem. É necessário coletar informações de várias formas e compará-las, para então fazer um julgamento adicionando valores não mensuráveis. O julgamento é também uma forma de incluir e considerar fatos imprevisíveis ou involuntários na mensuração dos resultados.

Um exemplo:

O não cumprimento por parte dos alunos da entrega de um trabalho na data definida, pode ter sido ocasionado por uma queda do sinal de Internet por alguns dias. Este é um fato comum, e deve ser considerado caso você esteja avaliando a pontualidade na entrega dos trabalhos.



Faça uma lista de alguns fatos que poderiam alterar o seu julgamento a respeito dos resultados de uma avaliação. Envie para o seu tutor.

2.3 MOMENTOS E AVALIAÇÃO: Início, final e durante o processo

Independentemente do sistema de educação, presencial ou a distância, existem modelos de avaliação que podem ter diferentes funções no processo de ensino-aprendizagem. Dependendo da sua própria concepção da avaliação e do objetivo que pretende alcançar, você optará por um ou outro modelo (BLOOM et al, 1971):

a) Avaliação diagnóstica:

Normalmente utilizada no início de um curso ou disciplina buscando identificar o conhecimento prévio do aluno sobre os conteúdos que serão ministrados; verificar se o aluno possui determinadas habilidades básicas; determinar que objetivos do curso já foram dominados pelo aluno; agrupar alunos conforme suas características.

b) Avaliação somativa:

É realizada ao final da disciplina ou curso, somando-se as notas de todas as provas realizadas pelo aluno ao longo do mesmo. É considerada como o ponto de chegada, que se destina, por exemplo, a informar ao interessados a situação do rendimento da aprendizagem (HADJI, 2000, p. 27). Pode ser útil para comparação de resultados quantitativos obtidos por diferentes alunos, para comparação de diferentes métodos e materiais de ensino; no entanto, não proporciona uma avaliação da qualidade do processo de ensino-aprendizagem; trata-se de um modelo quantitativo classificatório adotado na escola tradicional.

c) Avaliação formativa:

É realizada durante o processo educativo e refere-se a todos os conteúdos importantes de uma etapa do curso; alguns educadores consideram ser o modelo ideal para a EAD por ajudar na readequação da prática pedagógica a qualquer momento, e ser considerada o ponto de partida; permite assimilação ou retificação de novas aprendizagens, sendo ideal numa avaliação continuada. Possibilita ao professor gerir e organizar situações

didáticas de aprendizado, identificando eventuais necessidades de correção de rota (HADJI, **id**); informa ao aluno o que ele já aprendeu e o que ainda precisa aprender; informa ao professor sobre os objetivos ainda não alcançados e também dificuldades não superadas; sugere à tutoria e ao professor medidas de adequação para a superação de dificuldades encontradas no processo ensino-aprendizagem de modo a que os objetivos possam ser alcançados, respeitando as diferenças individuais dos alunos. Paulo Freire refere-se a este tipo de avaliação como Avaliação Formativa e Continuada (FREIRE, 1975) já que ela deve estar presente ao longo de todo o curso. Segundo ele, trata-se de uma prática educativa que pode ser adequada a qualquer situação de ensino, de maneira contínua e dialógica; é flexível e interativa.



Pense em exemplos e situações de ensino nas quais você usaria cada um dos tipos de avaliação apresentada, dê a sua contribuição comentando exemplos de colegas.

2.4 AUTO-AVALIAÇÃO

O processo de auto-avaliação possui características que propiciam o desenvolvimento da independência do aluno em relação ao professor/tutor, sua pró-atividade e a responsabilidade pela sua aprendizagem. Deve ser bastante utilizada em EAD, pois é ideal num sistema de auto-aprendizagem, principalmente se considerada em uma concepção construtivista, em que o erro possui um significado distinto da forma como tem sido visto tradicionalmente. O erro passa a ser o ponto de partida para o conhecimento e não o ponto de chegada. Diante do erro, o aluno deve ser incentivado a uma postura investigativa, a perceber as conseqüências de sua resposta errada, de forma a se aproximar mais da solução ideal numa próxima tentativa (MOULIN, 1998).

Quando um sistema de avaliação valoriza a auto-aprendizagem, como é o caso da EAD, atividades de auto-avaliação são fundamentais. Partindo do princípio que o aluno da EAD é responsável pela sua própria aprendizagem, buscando continuamente o conhecimento, passa a ser também o principal interessado em verificar o quanto de conhecimento ele está agregando a si próprio. Quanto mais o aluno for estimulado a acompanhar o seu próprio desempenho maior o seu rendimento.

Frente a exercícios de auto-avaliação o aluno toma consciência do seu nível de conhecimento. E, mais importante, **ele também toma consciência da necessidade de assumir a responsabilidade da sua própria aprendizagem.**

A auto-avaliação leva o aluno a desenvolver mais independência em relação ao professor e ao tutor. Ele se sente estimulado a se envolver em atividades que lhe permitam corrigir as deficiências que diagnosticou na auto-avaliação.

“Autonomia, autoformação, autoaprendizagem, aprendizagem aberta, aprender a aprender, auto regulação. Terminologias diferentes que remetem a concepções e práticas diferenciadas, mas que tem em comum recolocar o aprendiz como sujeito, autor e condutor de seu processo de formação, apropriação, reelaboração e construção do conhecimento” (PRETI, 1996).

Vamos ver como podemos propiciar atividades de auto-avaliação aos alunos. Independente da tecnologia educacional que esteja sendo utilizada na EAD, podemos obter bons resultados. O importante é atender aos principais objetivos da atividade de auto-avaliação. Ou sejam:

- a) permitir que o aluno teste seu conhecimento, capacidade de reflexão e decisão;
- b) adicionar interatividade e atratividade ao processo de aprendizagem, fazendo com que aprender seja um desafio e, ao mesmo tempo, uma experiência agradável;
- c) Fornecer imediato retorno ao aluno, pelo qual ele fica sabendo seus acertos e erros, sendo induzido à reflexão e engajamento espontâneo no re-direcionamento do seu estudo.

Veja, a seguir, três exemplos de atividade de auto-avaliação:

a) Pré-teste e Pós-teste

O Pré-teste é respondido pelos alunos **antes** do início do estudo, e tem por objetivo registrar o conhecimento prévio de cada aluno a respeito do tema que vai ser estudado. O Pós-teste, como o nome diz, é respondido pelos alunos **após** o término do estudo, e tem por objetivo registrar o conhecimento final de cada aluno a respeito do tema estudado. Comparando os resultados do Pré-teste e do Pós-teste o próprio aluno pode avaliar o conhecimento adquirido durante o período de estudo. É um excelente instrumento de auto-avaliação, porque analisando os dois momentos de teste, o aluno pode identificar rapidamente as falhas da sua aprendizagem. Além disso, os resultados de Pré e Pós-testes são de grande valor também para o professor e o tutor. Eles podem usá-los para avaliar a efetividade da sua programação e sistema pedagógicos.

b) Análise de Casos e Tomada de Decisões

Este tipo de exercício de auto-avaliação dá ao aluno a oportunidade de aplicar os conhecimentos obtidos no curso em uma situação típica da vida real. Funciona assim:

1. os alunos analisam um problema extraído de um estudo de caso prático.
2. é solicitado que o aluno assinale as melhores soluções para o problema, escolhendo entre uma lista de soluções, e baseando-se na matéria em estudo.
3. logo depois que o aluno faz a sua escolha, o próprio computador, através de um programa previamente elaborado pela tutoria, lhe fornece os resultados da sua escolha.
4. dependendo dos seus erros, o programa o direciona para que ele estude textos interativos necessários à complementação do seu conhecimento.

Exercícios como esse permitem que o aluno avalie seu conhecimento de conteúdos específicos com base na escolha de

soluções. O mesmo procedimento pode ser realizado:

- 1) **sem contar com o auxílio de programas de computador** para fornecer automaticamente os resultados ao aluno: o tutor pode fazê-lo, utilizando-se do correio eletrônico (mensagens por e-mail); não terá a rapidez da programação no computador mas, em termos práticos, funcionará da mesma maneira.
- 2) **via correio convencional**, o retorno ao aluno será mais lento ainda, mas certamente não irá invalidar a metodologia.

O importante do exercício é que o aluno tenha a oportunidade de aplicar os seus conhecimentos na análise de um caso prático; saber em seguida se os seus conhecimentos foram suficientes e, que os conhecimentos faltantes lhe sejam fornecidos para que ele possa rever, refletir e preencher a lacuna da sua aprendizagem. Seja qual for a tecnologia educacional utilizada.

c) Simulações

A auto-avaliação através de simulações, coloca o aluno frente a um ambiente virtual ou lúdico que imita a realidade. O aluno é convidado a tomar decisões ou fazer escolhas como se estivesse frente a um ambiente da vida real. Logo após cada decisão ou escolha, o aluno recebe o resultado (retro-alimentação). Para que o exercício seja eficiente, as consequências das decisões erradas no ambiente simulado deverão ser semelhantes àsquelas do ambiente real. No ambiente simulado ele poderá perder pontos que correspondem a graves consequências se o erro ocorresse na vida real. A suposição do professor/tutor que usa exercícios de simulação é de que os alunos que são bem sucedidos no ambiente simulado, serão capazes de uma boa performance na vida real. Esta suposição é fundamentada no fato de que o aluno, no ambiente simulado, aprende a tomar decisões ou fazer escolhas corretas, e quando erra, reflete sobre seus erros e os corrige concretizando sua aprendizagem.

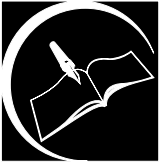
Algumas Escolas de Motorista, em grandes centros urbanos, utilizam sistemas simulados de auto-avaliação. Simulam carros,

sinaleiras e cruzamentos, para que o iniciante possa experimentar, errar, refletir e corrigir seus erros, antes de fazer os testes finais dirigindo um veículo real em ruas movimentadas da cidade. De maneira semelhante, provas simuladas ou vestibular simulado, também são práticas de auto-avaliação que ajudam o aluno a testar os seus conhecimentos, refletir e aprender sobre seus próprios erros antes de comprometer a nota definitiva de uma prova real.

Outro exemplo interessante: a Escola de Engenharia Florestal de Irati, PR, capacita operadores de máquinas modernas utilizando simuladores em um ambiente virtual. Eventuais erros em máquinas reais causariam grandes prejuízos. As máquinas virtuais “reagem” às decisões de comando dos alunos tal como aconteceria com as máquinas verdadeiras. Em uma situação simulada como essa, o erro é até estimulado porque ele é o início do processo de aprendizagem e não o fim. Toda vez que o aluno erra, ele recebe a resposta da máquina simulada, possibilitando que ele se auto-avale e reflita sobre o seu erro. E, por fim, busque soluções para corrigir o erro, tantas vezes quanto for preciso.

2.4.1 A Importância da Retro-alimentação na Auto-avaliação

Nenhum resultado seria possível no processo de auto-avaliação sem o retorno ou retro-alimentação, também conhecido como **feedback** (sua designação em inglês). Basicamente trata-se de comunicar ao aluno o resultado da atividade de auto-avaliação. Não apenas informá-lo sobre a nota conquistada, mas também sobre os comentários do professor/tutor sobre suas respostas. Ou seja, toda vez que você comunica ao aluno o resultado e comentários das suas respostas em testes, trabalhos ou qualquer manifestação você está dando um *feedback* ao aluno. A auto-avaliação indica ao aluno a necessidade de corrigir lacunas ainda existente no seu aprendizado.



Os alunos podem completar numerosas atividades de avaliação, como testes e tarefas, sem nenhum proveito próprio. Eles precisam do retorno, retro-alimentação ou *feedback* para transformar as atividades de avaliação em atividades de aprendizagem.

O *feedback* em auto-avaliação pode ir muito além, não apenas retro-alimentando as manifestações dos alunos, mas também desafiando-os a completar o seu processo de aprendizagem. Por exemplo: se a auto-avaliação revela lacunas de aprendizagem, erros ou notas baixas, o *feedback* pode surpreender. Como? Ele pode vir acompanhado de dicas, sugestões ou textos adicionais, para preencher as lacunas do aprendizado. Pode, ainda, fornecer fontes de informação necessárias ao reforço da aprendizagem e até sugestões de como aprender a aprender. O importante é que o aluno tenha a oportunidade de refletir sobre suas respostas e ser motivado a buscar soluções.

Hoje em dia a tecnologia, via computador, facilita atividades de auto-avaliação a medida que dispõe de programas que rapidamente fornecem o *feedback* ao aluno. Esta é uma importante vantagem quando o curso tem um grande número de alunos. Por outro lado, por melhor que seja a tecnologia disponível ela não supre a necessidade da atuação do tutor. Frequentemente, o aluno precisa de uma atenção individualizada. Ele pode necessitar do seu apoio para auto avaliar-se, refletindo de maneira pró-ativa sobre seus erros e acertos.

Como você pode perceber, a atividade de auto-avaliação não implica em instrumentos próprios. Toda atividade de avaliação pode vir a ser uma atividade de auto-avaliação, a medida que o aluno recebe retro-alimentação ou *feedback* e possa refletir sobre seus erros e acertos, sendo estimulado a evoluir em relação a sua aprendizagem.



Refleta sobre a importância do seu papel, enquanto tutor orientando seu aluno e estimulando-o a superar suas próprias dificuldades, incentivando-o a prosseguir na aquisição do conhecimento, evitando que se sinta só e desamparado. Lembre-se que após uma reflexão orientada pelo tutor, o aluno corrige seu aprendizado, identificando “o que e como” deve aprender e reformulando eventuais conceitos errados que porventura tiver.

UNIDADE 3 POR QUE AVALIAR E PARA QUEM?

“Eu uso a avaliação na maior parte do meu papel de educadora. Costumo comparar estudantes de diferentes disciplinas ou cursos que trabalham sobre os mesmos conceitos para ver o nível de proficiência de cada curso. Eu uso essa informação como uma avaliação formativa para o próximo semestre” (BURTON, 2004).

Três educadores - Villas Boas, Neder e Romiszowski - respondem a pergunta acima. Villas Boas é categórico: Caso não tenhamos, como objetivo, mudanças concretas no processo de ensino-aprendizagem, a avaliação de nada vale (VILLAS BOAS, 1999).

Neder (1996) alerta que a avaliação não está concentrada apenas no aluno, estende-se até envolver o sistema de ensino-aprendizagem como um todo. Permite a discussão do projeto e do material instrutivo-pedagógico, do próprio curso, questiona os professores, autores de conteúdo e metodologia.

Romiszowski (2004) diz que a utilidade da avaliação educacional vincula-se a uma clara definição de objetivos, critérios básicos e específicos, procedimentos adequados, de forma que o resultado sirva para a melhoria do objeto da avaliação e a tomada de decisões.



Quais as razões para avaliar o ensino e a aprendizagem se todos os envolvidos não estiverem motivados e dispostos a realizar mudanças, em função dos resultados da avaliação? E, na sua opinião, para que esses resultados sirvam para tomada de decisões e para melhoria do que está sendo avaliado, quem é que deveria ter estabelecido os objetivos, critérios e procedimentos das mudanças no sistema de ensino-aprendizagem?

Talvez, para que você possa responder tais questões, precisemos refletir uma questão anterior: **a quem interessam os resultados da avaliação do ensino-aprendizagem?** Em princípio, sabemos que é importante para muitas pessoas. Podemos chamá-las de

beneficiários ou destinatários de uma avaliação, já que elas têm interesse e necessidade em conhecer os resultados. Quem são eles?

- a) **Professores**, para quem o conteúdo será validado através da avaliação de conhecimento prévio dos estudantes que farão o curso.
- b) **Tutores**, para os quais a avaliação permite determinar o que está funcionando bem e o que deve ser mudado no ensino, na programação ou no serviço de apoio ao aluno.
- c) **Alunos** em plena atividade estudantil, os quais desejam saber do seu próprio progresso no decorrer dos seus estudos.
- d) **A instituição educacional**, através dos seus administradores, quer saber não somente a performance do professor e a satisfação dos alunos, mas que adequação das estruturas, serviços, corpo docente precisam ser feitas. E ainda, se os recursos aplicados para desenvolver e operacionalizar o curso têm resultado em retornos compensatórios aos seus investimentos.

FIGURA2 - DESTINATÁRIOS DA AVALIAÇÃO.

| | |
|-------------|-------------|
| ALUNOS | TUTORES |
| PROFESSORES | INSTITUIÇÃO |

Portanto, **dependendo do destinatário e da clara definição de objetivos, a avaliação deve ser enfocada em um ou mais aspectos do curso.**



Refleta para quem e por que seria importante cada um dos seguintes aspectos do seu curso: (dê a sua opinião e submeta ao fórum de discussões, ou envie ao seu tutor):

- a) A avaliação da aprendizagem:
- b) A avaliação do material didático:
- c) A avaliação da orientação acadêmica:
- d) A avaliação da modalidade de EAD:

UNIDADE 4 COMO E QUANDO AVALIAR?

Uma pergunta comum do professor, quando pensa pela primeira vez em ensino a distância, é “Como fazer provas à distância?” Esta dúvida é comum também ao aluno, que deseja saber como será avaliado. A razão desta pergunta origina-se na idéia de que a avaliação deve seguir o mesmo formato daquela realizada no ensino presencial, o que não é necessariamente verdade.

Embora o processo de avaliação da aprendizagem em EAD siga princípios similares aos da educação presencial, ela exige considerações especiais. Em EAD, onde o aluno pode afastar-se do controle do professor e fazer o curso de uma maneira autônoma, a função da avaliação deve ser focada nas necessidades do aluno em aprender e desenvolver-se... à distância.



Como você já viu, em um ambiente de aprendizagem onde professor e alunos estão distantes entre si, surge o papel do tutor, que, ao contrário do professor presencial, não é um transferidor de conhecimento, mas sim um mentor, isto é, um orientador, conselheiro ou guia. Neste contexto, deve mudar também a função da avaliação e suas respectivas técnicas.

Em relação à avaliação: que função? que técnicas? Você deve estar perguntando.

A função da avaliação em EAD que nos referimos é a de desenvolver a autonomia crítica do aluno, frente a situações concretas da sua vida. Em outras palavras, longe de medir a capacidade do aluno de reproduzir idéias, informações ou o ponto de vista do professor, devemos incentivar a sua autonomia de elaborar suas próprias idéias, ampliando a sua autoconfiança e desenvolvendo sua capacidade de analisá-las.

Lembre que, em EAD, a avaliação é um instrumento de aprendizagem na qual o aluno é o principal beneficiário.

Como e quando avaliar? Veja estas orientações:

a) Utilizar diversos meios e instrumentos.

Ao idealizar o seu sistema de avaliação você deve pensar no seu principal beneficiário, que é o aluno. É importante que você tenha conhecimento de quais meios e recursos de comunicação o seu aluno dispõe. Caso ele tenha computador e esteja ligado à internet, você poderá utilizar-se do e-mail ou de programas de avaliação pré-elaborados¹ existentes em sistema *on line* de interatividade com o aluno. Mas se o aluno não possui e nem tem acesso a um computador, considere o uso de outros meios e instrumentos que podem ser tão eficientes quanto os meios informatizados: impressos ou vídeos pelo correio, fax, telefone, televisão pública ou comunitária, rádio ou, ainda, o uso de ambientes presenciais em escolas parceiras, ao alcance do aluno.

b) Estar à disposição do aluno orientando-o à medida de seu interesse e necessidade.

Os apoios técnico, instrucional e estudantil são funções importantíssimas da tutoria em qualquer situação. Em atividades de avaliação, o apoio técnico tem que estar atento para solucionar rapidamente quaisquer dúvidas ou problemas que intervenham na normalidade do processo. Seja acesso ao curso via internet, telefone ou fax, sejam instrumentos com defeito (fitas de áudio ou vídeo, CD Rom), seja remessa de material não recebida pelo aluno. Costuma-se dizer que a melhor tecnologia educacional é aquela que não é, sequer, percebida no processo. Os apoios instrucional e estudantil geralmente não constituem problemas ou demandam atenção em atividades de avaliação.

¹Neste caso, é necessário consultar os responsáveis pela tecnologia educacional para saber das possibilidades disponíveis no sistema de informática.

c) A avaliação não deve limitar-se apenas a um momento.

Realize avaliações em, pelo menos, três momentos:

- 1) Antes do início do curso, para saber do conhecimento prévio do aluno diante do conteúdo que está se propondo ensinar;
- 2) Durante o curso, através do trabalho de tutoria, obtendo dados de frequência de participação, tarefas, trabalhos em grupo, etc;
- 3) Após o curso, para checar os resultados finais.

Esta metodologia ou sistema continuado de avaliação pode ser facilmente viabilizado através de atividades promovidas pela tutoria e, também, pelo uso de computadores conectados à Internet.

4.1 INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

O educador Garcia Aretio (1999) considera que a escolha do instrumento utilizado na atividade de avaliação depende dos locais onde serão aplicados. Ele define três locais ou situações de avaliação:

- a) avaliação presencial - provas ou trabalhos feitos em local e tempo definidos, em que todos os alunos serão avaliados ao mesmo tempo. Tem como vantagem, a garantia de que seja o próprio aluno matriculado no curso, que está sendo avaliado.
- b) avaliação à distância - é realizada em local e tempo livre para o aluno, com data limite para a entrega da prova ou trabalho. Tem a vantagem de respeitar o ritmo de estudo do aluno, que poderá escolher o dia de ser avaliado em função da sua preparação.
- c) avaliação mista - a avaliação ocorre durante todo o curso à distância e no final é feita uma prova/trabalho presencial, onde os alunos poderão ter conhecimento das questões propostas, antecipadamente, ou não. Pode consistir ainda na apresentação de um trabalho no seu próprio local de trabalho, instituições conveniadas.

Considerando essas três situações de avaliação, podemos escolher os instrumentos mais apropriados: testes, provas, levantamento de dados, observação, entrevistas, etc.

Vamos examinar um exemplo de instrumento de avaliação na situação presencial e à distância:

a) Provas à Distância

Consistem em exercícios contendo questões que os estudantes terão que responder e enviar ao tutor. Podem ser estruturadas de diversas maneiras, desde trabalhos mais amplos, até provas objetivas, de ensaio, trabalhos práticos ou teóricos. Dependem da natureza e objetivo do curso, e da capacidade cognitiva que se pretende avaliar. Este instrumento de avaliação apresenta as seguintes vantagens, de acordo com o educador Garcia Aretio (id):

- supõe controle periódico do progresso dos alunos, possibilitando avaliação contínua;
- impõe a necessidade de estudo, devido à determinação de enviar a prova ao tutor em data determinada;
- evita a sobrecarga de estudo em determinadas datas. O estudo se realizará de forma sistemática, uma vez que as provas avaliarão uma parte do conteúdo que terá sido aprendido em determinado tempo;
- ajuda a reter aspectos fundamentais da matéria;
- atua como elemento de comunicação bidirecional, pois deverão ser devolvidas pelo tutor, para correção dos erros com as orientações pertinentes;
- atua como incentivo para melhorar a quantidade e qualidade do estudo futuro, através do conhecimento do resultado, pelo aluno, e as correspondentes orientações;
- conduz o aluno a realizar consultas em outras fontes bibliográficas, além do material obrigatório para o curso, se forem elaboradas questões visando respostas que requerem reelaboração ou análise sob diferentes enfoques;
- exige a interpretação pessoal do aluno em determinadas

questões, quando esta requer reflexão e estudo mais detalhado;

- serve de estudo preparatório para as provas presenciais;
- orienta aos docentes sobre possíveis dificuldades de aprendizagem em determinados conteúdos;
- conduz os professores/tutores e redatores a averiguar onde estão as dificuldades típicas da matéria, bem como as possíveis falhas na redação das provas.
- realizar provas obrigatórias funciona como um requisito administrativo, para prosseguimento do curso.

b) Provas Presenciais

São imprescindíveis para aquelas matérias e cursos em que a aprovação final confere um certificado, título ou crédito de caráter oficial. Pelo menos enquanto as novas tecnologias não garantirem outras formas de exames em que seja difícil a substituição das pessoas. Essas provas podem ser de vários tipos: de ensaio ou de resposta livre, prova prática ou de execução, prova objetiva e prova oral, sendo essa última raramente utilizada nesta modalidade de ensino, exceto em provas de idioma, podendo ser feita através de fitas cassete ou de vídeo (GARCIA ARETIO, 1999).



Provas presenciais - imprescindíveis para aquelas matérias e cursos em que a aprovação final confere um certificado, título ou crédito de caráter oficial.

Pesquise na **Resolução nº 1-MEC - 2001 - artigo 11º**- cursos de pós-graduação lato sensu à distância - provas presenciais e defesa presencial de monografia.

4.2 AVALIAÇÃO SEM SURPRESAS

Esta é uma recomendação simples, mas muito importante. Para o aluno, mais do que saber como será avaliado, ele quer saber quando, para que não haja surpresas. A surpresa, o inesperado no

processo de avaliação, pode causar estresse e apreensão no estudante, interferindo no resultado da avaliação. Já na apresentação da disciplina ou do curso, é essencial passar aos alunos uma ampla visão do processo de avaliação do ensino e aprendizagem. Isso dá aos alunos um tipo de mapa de viagem mostrando de onde saíram e onde estão indo; que atividades de avaliação irão encontrar ao longo do caminho, de maneira que eles se preparem adequadamente. A partir daí, poderão acontecer tantas avaliações em forma de tarefas, testes, provas ou desafios, quantas foram previamente comunicadas aos alunos, sem que a atividade de avaliação possa parecer-lhes um “julgamento” a respeito da sua performance como estudantes. Veja o que diz um experiente professor em EAD:

“Eu tenho observado que é uma ajuda significativa para o estudante quando você o deixa saber, logo no início do curso, como ele será avaliado no final do curso. Isto faz com que o estudante fique atento. Os estudantes não gostam de nenhuma surpresa além daquelas que o professor fala. Essa idéia de compartilhar com o aluno o plano de avaliação, tentando esclarecer ou desmistificar o processo, é uma parte importante de ajudar pessoas a aprenderem” (LEVINE, 2004).

4.3 AVALIAÇÃO NO MUNDO VIRTUAL DO COMPUTADOR E INTERNET



O sistema de avaliação em EAD ganhou uma grande variedade de novos instrumentos e métodos nos últimos anos. Na medida em que a tecnologia educacional incorporava o computador e a Internet ao seu dia-a-dia, educadores e técnicos de informática, juntos, criaram centenas de formas de avaliar o ensino-aprendizagem. Você conhece alguns recursos tecnológicos que possam ser utilizados na EAD? Relacione e envie para seu tutor.

Os sistemas de avaliação informatizados usualmente são programas embutidos nos programas dos cursos via Internet. Eles registram o desempenho do aluno através de testes e também a sua interatividade com colegas, tutores e professores. Outras atividades

do aluno também podem ser registradas. Por exemplo, toda vez que ele acessa o curso para: leitura de textos, consulta de bibliografia, entrega de tarefas e desafios, resposta a questionamentos, discussões, compartilhamento de idéias e comentários, etc. Estes registros formam uma história linear não só do aluno, mas de todos aqueles envolvidos no curso: tutores, professores, técnicos de informática e administrativos. Tais registros têm sido uma valiosa fonte de informações para avaliação do sistema de ensino-aprendizagem, como um todo e em cada particularidade.

Além dos registros, a EAD, mediada pelo computador, se vale de diversos meios e instrumentos de comunicação, tais como CDs, e-mails, vídeo e teleconferências, fórum de discussões e tantos outros para realizar atividades de avaliação. A escolha de quais devem ser usados em um curso vai depender, principalmente, das limitações e possibilidades de acesso do aluno. É o aluno que determina a tecnologia educacional a ser usada pelo professor/tutor em EAD.



Provavelmente, uma breve consulta junto aos estudantes potenciais do curso vai revelar que o uso de vários meios e instrumentos é mais recomendável do que apenas um. Os melhores cursos em EAD utilizam meios e recursos diversos, tais como: correio convencional, telefonia comum ou linha sem custo (0800), fax, correio eletrônico, Internet, ambientes de estudo construídos em portais da Web, videoconferência, teleconferência, fita de vídeo, fita de som, Cd-Rom, DVD, materiais impressos, etc.



Se você quer saber mais sobre programas de computadores utilizados na avaliação em EAD:

- a) Leia “Leitura Complementar” na Unidade 5 deste material sobre programas de interação e avaliação pela Internet.
- b) Visite os endereços eletrônicos (sites) recomendados e explore textos recentes sobre

avaliação em EAD. Você encontrará mais informações que poderão ser úteis quando trocar idéias com profissionais da área de tecnologia educacional. Além disso, você poderá conhecer mais visitando o endereço:

<<http://www.sobresites.com/te/ead.htm>>
sistematicamente atualizado.



Neste momento você é um aluno de EAD que está vivendo este novo sistema de aprender. Com base neste fato, podemos deduzir que você já assumiu a responsabilidade do seu aprendizado? O quanto você ainda é dependente do professor e da tutoria na busca de mais informações? Quantos *sites* citados na Leitura Complementar você já visitou? E quantos outros, foram descobertos por você?

4.4 AUTENTICIDADE - COLA, TRAPAÇA E PLÁGIO

Você já se perguntou como resolver o problema da cola, trapaça e plágio nas tarefas, testes, exames ou quaisquer outras atividades de avaliação da aprendizagem na EAD? De fato, este é um dos problemas mais preocupantes desta modalidade de ensino-aprendizagem. Justamente quando os alunos completam segmentos-chaves da aprendizagem chega a hora de medir verdadeiramente o seu entendimento dentro dos padrões cognitivos requeridos. Em EAD torna-se difícil saber se existe a representatividade autêntica nas atividades de avaliação.

Você deve entender esta representatividade autêntica de duas maneiras:

- a) A avaliação deve refletir os objetivos da aprendizagem. Muitas vezes deparamo-nos com avaliações que não são baseadas nos objetivos de aprendizagem do curso, ou que se atêm a detalhes e não aos aspectos realmente importantes daquele assunto.

b) A autenticidade representada pelo aluno. Será que você está avaliando aquele aluno que está matriculado no curso à distância? Ou alguma mão escondida está fazendo o teste por ele? Claro que este dilema não é limitado a EAD. A possibilidade de o aluno estar presente, mas não participando ativamente do trabalho, acontece em qualquer evento educativo. Principalmente quando o aluno, participando de um grupo, deve fazer uma parte do trabalho longe da sala de aula.

Em trabalhos em grupo, presenciais ou à distância, o aluno pode não participar da tarefa. Este é um dos principais motivos porque, em muitos cursos, alunos que apresentam excelente desempenho nos trabalhos escolares, não o conseguem nas provas e acabam reprovando no curso.

Em relação à cola, veja como Pierre (2005), experiente professora em EAD, tenta contornar o problema:

“A cola ou cópia do trabalho de alguém (plágio) é uma preocupação crescente em EAD. Nossos estudantes de cursos à distância, para fazerem uma prova final escrita, dirigem-se a uma instituição parceira designada pela universidade. Além disso, nós temos experimentado avaliar o aluno através de tarefas e trabalhos que demandem pensamento crítico, opiniões pessoais, impressões pessoais, etc. Desta maneira, existe menor possibilidade de que outra pessoa possa ter completado a tarefa ou trabalho. A menos que eles estudassem os mesmos materiais do curso e pensassem exatamente da mesma maneira. Mas, mesmo assim, eu concluí que existe sempre a nova forma, desconhecida, e que alguns estudantes sempre estarão um passo à frente de nós, nesse jogo de trapacear”.

Segundo Levine (2001), longe de darmos ênfase exagerada na comprovação da autenticidade, devemos lembrar das características do aprendiz adulto: um nível de maturidade e responsabilidade perante si mesmo, uma motivação pelo aprendizado e uma consciência de que o próprio mercado de trabalho cobrará dele posicionamentos face a especialidade que adquiriu. A pergunta é: quem estaria sendo enganado de fato se não o próprio aluno diante de si mesmo? Na reflexão sobre o posicionamento frente a sua aprendizagem e sobre valores éticos, mediante o compromisso assumido com a instituição de ensino, se fortalece uma relação de confiança mútua.

UNIDADE 5 PROGRAMAS DE INTERAÇÃO E AVALIAÇÃO EM EAD

5.1 LEITURACOMPLEMENTAR

A educadora Margarita Gomez, da Universidade de São Paulo, expôs no VI Congresso de Educação a Distância sua experiência e estudos sobre avaliação em ambientes virtuais. Cita que, no software AulaNet, que é um ambiente virtual para cursos via Internet (*on line*), o projeto de avaliação pode ser programado de forma que as provas, trabalhos e exercícios estejam baseados em competências específicas do aluno. A avaliação, baseada em provas objetivas, consiste em que o aluno responda à prova e um mecanismo de gerenciamento automático realize a correção, liberando em seguida o resultado (*feedback*). Este tipo de avaliação é considerada formativa, enfatizando aspectos cognitivos, no ambiente AulaNet. Os trabalhos e exercícios possibilitam o debate, a criação de projetos, o compartilhamento de experiências e a participação no próprio processo de aprendizado (GOMEZ, 2003).

Gomez (2003), fez uma criteriosa pesquisa e elaborou uma extensa lista de estratégias e instrumentos de ensino e avaliação, apresentando-as em quatro grupos:

- a) Diagnósticas;
- b) Apresentação de informação;
- c) Participação do estudante;
- d) Avaliação por testes e ação/realização:

a) As atividades de **avaliação diagnóstica** ou inicial procuram revisar aprendizagens prévias utilizando: anedotas relacionadas a um tópico; textos para abrir debates e obter opiniões; atividades lúdicas e humorísticas; obtendo informe de habilidades por meio de *chat*, por exemplo; desafios a enfrentar e resolver; testes sobre tema específico; pesquisa para citação ou link; apresentação de pergunta retórica; situações hipotéticas; organizador prévio (colocando informação ou texto curto antes de um conjunto

importante de conhecimentos a serem trabalhados, por exemplo, guia dos pontos principais); mostrar relevâncias compartilhando uma história de interesse pessoal ou humano; atividade de suspenso, ou pensamento que provoca pergunta; atividade de suspenso, ou pensamento que provoca declaração; espaço para sugestões.

- b) A forma de **apresentação da informação** também oferece elementos para avaliação: análise de situação (montagem de espetáculo, história por meio de problemática para analisar); demonstração de um procedimento; diálogo com o tutor, com avaliação expressa; exercício de descoberta; demonstração de atitudes, comportamentos ou procedimentos apropriados ou impróprios; identificação de nomes, funções ou partes para um determinado sistema, ilustração; leitura-conferência; apresentação de analogias ou comparação; identificar fatos presentes em uma situação; indicar pontos chaves presentes de um conceito, produção de definições; dar exemplos; mostrar um diagrama técnico; mostrar uma ilustração e descrever atributos; provocar implicação em relação ao tema; colocar erros comuns para debate; mostrar inter-relação de conceitos; mostrar mistura de exemplos corretos e não-corretos; mostrar sucessão de eventos significativos; ensinar uma estratégia mnemônica; ensinar com estatísticas.
- c) Em relação à **participação do estudante**, propõe-se: simulação de situações de história, deixando ao estudante tomar e ver o resultado das decisões; diálogo com tutor apresentando problemas, guias de estudo interativos, perguntas, com avaliação indicada; diálogo direto por meio de *chat*; prática de descoberta, com avaliação; exercício de discriminação entre diversos exemplos, com avaliação; exercício de prática, com avaliação; desafios efetivos, teóricos e práticos; seção de perguntas e respostas; compreensão de textos; debate de temas preparados, com avaliação; desafios para ver posicionamento do estudante; procedimento de simulação situacional; simulação com guia,

orientação; simulação de sistema, capacidade para manipular, e outros.

d) Os **testes básicos**, usualmente incorporados nos softwares EAD são: teste de combinação; teste para preencher brancos; teste de escolha múltipla; pergunta de amostra; teste soletrando; teste verdadeiro/falso; teste de resposta de palavra. Atividades de **ação/realização** que desafiam os estudantes a tentar realizar alguma nova atividade e que possibilitem a avaliação podem ser realizadas criando um plano de ação; propondo exercícios de enriquecimento, para os alunos sem dificuldades, e oferecendo novas oportunidades para quem não consegue realizar uma tarefa; propondo lição de casa, com cópia impressa, assistindo vídeo para debate etc.; apresentar resumo de lição; desenvolvimento de teste de revisão; gratificação do desempenho dos estudantes.

E, por fim, o que não falta em programas computacionais são os desafios lúdicos para estabelecer um clima de conflitos teóricos. O objetivo é que desafiem o aluno a buscar uma solução que o leve a participar da construção do conhecimento por meio de reflexões, interações e ações. O lúdico pode ser adotado em sentido estrito e no sentido de introduzir certos temas: jogo de perguntas; de concentração; palavras cruzadas, de competição; de combinação; de desenvolvimento de regras; e outros.

5.2 SUGESTÃO DE ENDEREÇOS ELETRÔNICOS (*SITES*) PARA SEREM VISITADOS

<<http://www.abed.org.br/texto01.doc>>

<<http://www.inf.ufrgs.br/pos/SemanaAcademica/Semana2000/AlessandraRodrigues/>>

<<http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/045-TC-B2.htm>>

<http://www.abed.org.br/antiga/htdocs/paper_visem/margarita_vitoria_gomez.htm>

<<http://www.nead.ufmt.br/documentos/AVALIArtf.rtf>>

<<http://www.eps.ufsc.br/disserta98/roser/>>

<<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/ead/eadtxt5a.htm>>

<<http://www.sobresites.com/te/ead.htm>>

REFERÊNCIAS

- ALONSO, K. M. et al. **Fundamentos políticos da educação e seus reflexos na educação a distancia**. Curitiba: UniRede e UFPR, 2001.
- AZZI, S. **Avaliação de desempenho do aluno na EAD**. Texto publicado em <www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/ead>, acessado em 10/03/2005.
- BLOOM, B.S., HASTINGS, J.T.; MADAUS, G. **Handbook on formative and summative evaluation of student learning**. New York: McGraw Hill, 1971.
- BURTON, S. University of Technology Sydney, Austrália, em **International Workshop online**, 2004.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio: Paz e Terra, 1975.
- GARCIA ARETIO, L. **Educación a la Distancia Hoy**. España: UNED, 2ed.1999.
- GOMEZ, M. V. **Avaliação Formativa e Continuada da Educação Baseada na Internet**. VI Congresso Internacional de Educação a Distância. Abed. P.A., 2003
- HADJI, C. **Avaliação Desmistificada**. Porto Alegre: ARTMED. p. 27, 2000.
- KNOWLES, M. HOLTON III, E., SWANSON, R. **The Adult Learner: the definitive classic in adult education and human resource development**. 5th edition Gulf Publishing Company, Houston, Texas, USA. 1998.
- LEVINE, J. Michigan State University, East Lansing, Michigan, EUA, em **International Workshop online**, 2004.
- LEVINE, S.J. **Evaluation in Distance Education**. Publicado em e-book: *Learner, Learner Everywhere: The Chalange of Teaching At a Distance*, 2001 (<<http://www.learnerassociates.net>>)
- LINDEMAN, E. **The Meaning of Adult Education**. New York: New Republic, 1926.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação educacional escolar; para além do autoritarismo**. Tecnologia Educacional, Rio de Janeiro, ABT nov/dez, p.21, 1984.

- LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem: estudos e proposições.** São Paulo: Cortez, 1995.
- LUCKESI, C. **Planejamento e avaliação na escola: articulação e necessária determinação ideológica.** In: LUCKESI, C. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 1995.
- MOULIN, N. et al. **Desatando os nós: avaliação do ensino à distância.** II Jornadas de Educação à Distância. Mercosul, 1998.
- NEDER, M. L. C. **Avaliação na Educação a distância: significações para definição de percursos.** Cuiabá, MT:NEAD/UFMT, 1996.
- PIERRE, E. University of Waterloo, Waterloo, Ontário, Canadá: **International Workshop,** 2005.
- POPHAM, W.J. **Avaliação Educacional.** Porto Alegre: Globo, 1983.
- PRETTI, O. **Educação a Distância: uma prática educativa mediadora e mediatizada.** NEAD/IE/UFMT, 1996.
- RESENDE, L. S. M. **Avaliação Processual e Formativa na Educação a Distância.** 091-TC, C3. Congresso, 2004.
- ROMISZOWSKI, H. **Avaliação no *Design* Instrucional e Qualidade da Educação a Distância.** RBAAD (<www.abed.org.br>), Vol. 2, N. 4, 2004.
- SAUL, A. M. **Avaliação emancipatória, desafio à teoria e a prática de avaliação e reformulação de currículo.** São Paulo: Cortez/Autores Associados, p. 21, 1998.
- SILVA, R. **Pedagoga, em Depoimento concedido a.** Curitiba, 23 março, 2005.
- SOUZA, T. R. **A Avaliação como Prática Pedagógica.** Artigo em Cead/Abeas. Universidade de Brasília, 1999.
- SOUZA, E.C.B.M. (Org). **Técnicas e Instrumentos de Avaliação.** Brasília : UnB/Cátedra UNESCO de Educação à Distância, 1997.
- VILLAS BOAS, B. M. F. **Planejamento da Avaliação Escolar.** IX Encontro de Didática e Prática de Ensino. Águas de Lindóia, 1999.